

SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
**XXIX SIC**  
UFRGS  
PROPESQ



múltipla   
**UNIVERSIDADE**  
inovadora  inspiradora

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2017
<b>Local</b>	Campus do Vale
<b>Título</b>	Desconstruindo o conceito da democracia racial na cidade de Rio Pardo: Comunidade Quilombola Rincão dos Negros e seus novos enfrentamentos
<b>Autor</b>	ADILSON SILVA DA SILVA
<b>Orientador</b>	DENISE FAGUNDES JARDIM

## **Desconstruindo o conceito da democracia racial na cidade de Rio Pardo: Comunidade Quilombola Rincão dos Negros e seus novos enfrentamentos.**

Autor: Adilson Silva da Silva - nº cartão UFRGS: 100920

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Denise Fagundes Jardim

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS - IFCH)

O objetivo deste trabalho é fomentar a pesquisa sobre afro descendência entrelaçada às histórias oficiais locais na cidade de Rio Pardo. Partindo de uma saída de campo realizada em 2014 para entender melhor os relatos da “Igreja dos pretos e Igreja dos brancos”, fiz um percurso investigativo, pois o assunto parecia ser tabu na cidade. Posteriormente realizei uma etnografia sobre família e parentesco no âmbito da identidade e disputas territoriais locais. Com essa inserção, pretendo contribuir para a discussão do Núcleo de Antropologia e Cidadania no que tange a temática da etnicidade e afro descendência no Brasil contemporâneo. Inicialmente pesquisando na Comunidade Quilombola Rincão dos Negros onde estão localizadas as igrejas, tentei entender como em pleno século XXI ainda existem casos de segregação racial no interior do Brasil. Através da observação participante e entrevistas levantei dados, através de depoimentos, que revelam fatos históricos de perseguição, tortura e morte em nome das terras. O que tenho identificado é que essa situação ocorrida em um passado não muito distante parece ser o que configura hoje as formas de relações sociais.

A forma como se deu e se dá a tentativa de invisibilização da população negra e seus enfrentamentos é o objeto de pesquisa do presente trabalho. Enquanto no passado havia espaços delimitados, hoje não existem mais. Num primeiro olhar parece que as relações se dão de forma amigável, negros e brancos compartilham os espaços urbanos. Entretanto, pude constatar que há relações de trabalho, de amizade, e de cooperação, mas a divisão existe e é visível principalmente nos locais de uso público e nos relatos de situações. Trago exemplos relatados; do caso de um rapaz que na sua juventude foi jogador de futebol e ao voltar, se tornou popular; tem transito livre em todos os espaços e trabalha na secretaria de cultura, tem um programa na rádio, mas ao se candidatar à cargos eletivos não obtém o êxito almejado. E, histórias relativas à adoção, em que uma senhora que foi “adotada” por uma família branca, mas que relatou que saía da escola e ia para a casa das professoras (brancas) lavar louça, ela diz que fazia aquilo (lavar louça) para ajudar na criação das irmãs. São nessas situações corriqueiras que se nota claramente a diferença entre os cidadãos e nas relações inter raciais. Essas formas de relações racializadas, que Fredrik Barth chama de fronteiras étnicas, destacando que fica claro que as fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam.

Com dados empíricos de acontecimentos do passado e relatos de situações racializados no presente, tento mostrar como acontece a tentativa de tornar invisível a população negra e evidencio a dificuldade em demonstrar a força de sua cultura, o que faz com que o negro seja visto como cidadão de segunda classe nas relações profissionais, culturais e políticas localmente. Mostrando assim o modo como o estigma persiste e o modo como o negro a ele é submetido dificultando ser reconhecido como cidadão.